

Etnografia do cotidiano, um olhar antropológico sobre a Itália que se transforma

Ethnography of daily routine, an anthropological look on Italy which changes

Marcelo Naputano, Jose Sterza Justo

Resumo

O presente trabalho consiste na resenha contextualizada à produção bibliográfica do autor do livro intitulado “Etnografia do cotidiano, um olhar antropológico sobre a Itália que se transforma”¹, publicada na Itália no ano de 2014 com prefácio de Jean-Loup Amselle. Marco Aime, autor deste livro, atualmente é professor de antropologia cultural na Universidade de Genova e notado como um dos mais importantes antropólogos italianos da atualidade pela extensão e originalidade de sua obra que se concentra na tentativa de pensar as problemáticas político-sociais contemporâneas através da ótica de uma antropologia social engajada e comprometida com diversos movimentos sociais. Em *Etnografia do cotidiano* encontramos a análise de alguns temas contemporâneos italianos divididos em duas categorias: a primeira como questões políticas e de democracia participativa e a segunda discute sobre questões da construção do imaginário. Aime confirma como política e antropologia estejam em estreita relação.

Palavras-chave

Antropologia, etnografia, cotidiano.

Abstract

*This paper consists in a contextualized review of Marco Aime's bibliographic production, author of the book "Ethnography of daily routine, an anthropological look on Italy which changes" published in Italy, in 2014, with a preface written by Jean-Loup Amselle. Marco Aime is currently professor of cultural anthropology at University of Genova, known as one of the most important Italian anthropologists of our time for the extension and originality of his work. It focuses on the attempt to look at current social and political issues from the point of view of a social anthropology engaged and committed to various social movements. In *Ethnography of daily routine* we find the analysis of some current Italian issues divided in two categories: political issues related to participatory democracy the first, and issues about the construction of the imaginary the second. Aime confirms that politics and anthropology are closely related.*

Keywords

Anthropology, ethnography, daily.

Marcelo Naputano

Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis

Psicólogo e mestre em psicologia pela UNESP. Doutorando no programa de Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis e Sanduiche na Facoltà di Psicologia dell'Università di Bologna.

naputano@libero.it

Jose Sterza Justo

Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis

Professor de Psicologia da Universidade Estadual Paulista. Doutor em Psicologia Social e livre-docente em Psicologia do desenvolvimento pela Universidade Estadual Paulista – Unesp/Assis.

sterzajusto@yahoo.com.br

Etnografia do cotidiano, cultura e seus excessos

Marco Aime é atualmente professor de Antropologia Cultural na Universidade de Genova na Itália e é conhecido na Europa por suas viagens e respectivos relatos escritos em diversos continentes como Ásia, América Latina e África. Aime têm uma vasta bibliografia com inúmeros artigos científicos publicados em diversos periódicos em italiano e francês conjuntamente com outras obras onde podemos verificar a multiplicidade de seus interesses que vão da antropologia, a educação, ao turismo, a política, as atualidades quotidianas e outros temas. Aime é sobretudo um fascinante antropólogo que observa o nosso presente e participa de inúmeras iniciativas políticas na defesa e na construção de um bem-estar coletivo em contraposição de um bem-estar privado destinado à poucos. Em um certo modo, a despeito desta versatilidade temática, podemos concentrar seus assuntos em torno a uma questão que é classicamente de grande importância aos antropólogos, ou seja, o conceito de cultura e o modo como foi e é empregado. Marco Aime se utiliza deste conceito em modo crítico acusando frequentemente seu uso e abuso e, mesmo quando discorre sobre temas, por exemplo, como a educação ou o turismo, ele o faz através do olhar de um antropólogo politicamente engajado que utiliza a ideia de cultura como um processo na desconstrução de certos poderes instituídos e não como resultado fixo de origem quase biológica.

Em particular modo, dentro a extensa produção bibliográfica deste autor, duas obras são de extrema importância para a compreensão de uma antropologia engajada politicamente e do cotidiano que não se reduza exclusivamente a codificação de dados curiosos sobre os “outros”. A primeira obra publicada em 2004, intitulada “Excesso de Cultura”, foi declaradamente motivada pelo enorme fluxo de migrantes naquela década na Itália que produziu uma forte separação entre o “nós” italianos e os “outros” imigrantes. A solução, em parte, foi elaborada em nome do conceito de cultura na tendência de identificar estes “outros” em modo muito rígido com o nítido intento administrativo fixando uma “identidade” aos recém chegados de um pertencimento cultural que frequentemente não correspondia a construção indentitária muito mais complexa em suas variantes. Aime vai questionar este uso e abuso do conceito de cultura empregado como consideração política em uma relação de forças que mobilizam na exclusão da possibilidade de outras hipóteses sobre o outro com o intento de excluir. Pode parecer paradoxal que um antropólogo se coloque a questionar o conceito de cultura mas Aime questiona o uso que se faz deste conceito na construção de uma identidade dos outros que se converte em instrumento de discriminação social. Aime nos rememora ainda que o encontro ou desencontro se faz entre pessoas e não entre “culturas” pensadas como algo de pronto que alimenta a criação de fronteiras e novos racismos.

A outra obra publicada em 2013, intitulada “Cultura”, é onde Aime irá defender a ideia que a cultura é um conceito com uma enorme possibilidade de significações que corresponde a um sistema de valores, de signos e uma visão de mundo que define uma certa sociedade em constante processo em combate de convalidação do que é a norma e do que é marginal na produção das diversas culturas, inclusive, dentro a uma mesma cultura na formação de suas variantes. Aime nos lembra outrossim do fato de que as possíveis identidades são feitas de memória e esquecimento e que são mais relacionadas ao senso de tornar-se do que a busca de significados prontos do passado, ou seja, são prevalentemente prospectivas ao invés de perspectivas. Estas duas obras, “Excesso de cultura”² (AIME, 2004) e Cultura (AIME, 2013), são disponíveis no Brasil em língua italiana por meio da aquisição eletrônica em internet de importação pois ainda não foram traduzidas.

1

“Etnografia del quotidiano, uno sguardo antropologico sull'Italia che cambia”. Todas as traduções do italiano para o português serão realizadas pelos autores deste texto e serão identificadas com: Tr. A.

2

Eccesso di cultura. Tr. A.

O nosso livro de resenha em pauta, “Etnografia do cotidiano, um olhar sobre a Itália que se transforma”, de certa maneira pode ser considerado a extensão prática da análise dos conceitos desenvolvidos em “Excesso de cultura” e Cultura, onde Aime pensará a sociedade italiana contemporânea através alguns eventos do cotidiano. Aime inicia a introdução com uma pergunta fundamental: “[...] Porque um antropólogo se encontra a ocupar-se do aqui e do agora?”³ (AIME, 2014, p.11). Um dos motivos é relacionado especificamente com o “aqui”, ou seja, o lugar onde se faz pesquisa. Aime vai afirmar, como acadêmico público financiado pela coletividade, a necessidade de uma restituição das considerações obtidas no trabalho de campo à população com a qual se trabalhou na construção de uma certa narrativa cultural. O outro motivo, relacionado mais especificamente com o “agora” mas que é conexo ao “aqui”, é o fato de que todos nós, acadêmicos e não, por questão de necessidade ou de curiosidade, nos encontramos todos os dias a analisar e compreender as dinâmicas da nossa vida cotidiana. Esta é uma questão antropológica de grande importância pois coloca em questão os cânones da antropologia cultural clássica que solicita uma certa distância cultural da sociedade em análise a confronto com a ideia de Aime de que a antropologia faz parte de nosso cotidiano e não se encontra somente em um “campo” de análise fora de nosso contexto cultural de pertencimento. Eis o porque Aime neste livro não somente analisa a sociedade italiana da qual faz parte como também pensa esta sociedade em suas características atuais, ou seja, proximidade e cotidianidade na construção de uma etnografia capaz também de se comprometer e de criticar a si mesma.

Aime vai declarar ainda na introdução desta obra, antecipando a conclusão de suas análises das questões sociais concretas, que duas imagens sobre a Itália contemporânea surgirão: A primeira é a imagem de uma nação/sociedade que parece afirmar princípios nos quais não acredita minimamente apresentando uma estrutura oficial fraca e, ao mesmo tempo, uma estrutura não oficial forte que não deixa que uma consciência coletiva do bem comum seja constante. A segunda imagem é sobre a relação entre o Estado e seus cidadãos que conserva características de regime autoritário baseado na “legalidade” jurídica.

Os capítulos, em um total de sete, se desenvolveram em torno a questões de significativo interesse hodierno na Itália. O primeiro capítulo, “A parada do dia 2 de junho”⁴, vai discutir a festa nacional do dia 2 de junho instituída em 1948 que comemora, todos os anos, a festa da República Italiana pois no dia 2 de junho de 1946 houve um referendun universal na Itália, onde pela primeira vez homens e mulheres votavam juntos, para decidirem, após o final da segunda guerra mundial e da ditadura fascista, qual seria a forma de governo adotada entre o sistema monárquico e o sistema republicano. Para a comemoração desta data se tem uma parada militar que, na opinião de Aime, identifica o Estado italiano mais próximo a seus aspectos bélico-militares que de sociedade civil e não somente nem seu aspecto ritual.

O segundo e o terceiro capítulos, respectivamente “Duplo binário” e “Um trem, um vale”⁵, vão avaliar a Ferrovia do Estado como metáfora da evolução de uma sociedade italiana que está se transformando em uma sociedade exclusiva, ou seja, para poucos privilegiados que podem economicamente sustentar um alto teor de vida a partir da mobilidade. Deste modo, *Trenitalia*⁶, escolhendo fazer seus trens e linhas ferroviárias de alta velocidade onde os preços são sempre maiores e o tempo de itinerário sempre mais abreviado, escolhe também o *target* de seus clientes. Observando que *Trenitalia* hoje é uma empresa privatizada e que, na ótica de empresa, reflete o paradigma “tempo é dinheiro”, com o auxílio e conivência do Estado Italiano, e dando inclusive um significado mais profundo a esta afirmação pois hoje que pode utilizar de um meio de

3

Perché un antropologo si trova a occuparsi dell'oggi e del qui? Tr. A.

4

La parata del 2 giugno. Tr. A.

5

Doppio binario e Uno treno, una valle. Tr. A.

6

Trenitalia é o nome da Ferrovia Italiana que no passado era a ferrovia do Estado.

transporte mais veloz é porque faz parte de uma classe econômica privilegiada.

O quarto capítulo, “Responsabilidade ilimitada”⁷, vai avaliar a classe política italiana que não assume a responsabilidade de suas próprias ações onde temos governantes que frequentemente permanecem no poder por mais de um decênio e quando finalmente saem do cargo político ocupado, criticam a situação como se eles não tivessem em nenhum modo colaborado para esta. Aime vai afirmar que o senso de responsabilidade que era a característica de uma pessoa de valor político no passado, hoje é a característica de alguém que não entendeu as atuais regras do jogo.

O quinto capítulo, “Novos tribalismos”⁸, vai avaliar o surgimento dos novos tribalismos, pequenos grupos divididos por categoria de mobilização social por exemplo, movimentos ecológicos, indigenistas e mesmo movimentos de matriz racista contra a presença estrangeira na Itália, que se caracterizam como uma reivindicação vertical do grupo específico em direção ao Estado no lugar das lutas horizontais de classes. Este fracionamento de tensão social que Aime vai associar ao enfraquecimento do Estado-Nação, na Europa, em parte em função da burocracia da comunidade europeia com sede a Bruxelas. Aime, grande conhecedor de certos Estados africanos tribais vai afirmar que não são muito diferentes do que está ocorrendo na Europa atual.

Os últimos três capítulos, respectivamente “Buda, manuscritos e biguás”; “O facão e o smartphone” e “Três diamantes”⁹, discutiram sobre questões do imaginário diferenciando-se deste modo dos quatro primeiros capítulos da obra que abordam questões de política e democracia participante. Em “Buda, manuscritos e biguás” e “O facão e o smartphone”, em base a eventos ocorridos de grande expressão midiática, como por exemplo, a destruição da estátua do Buda no Afeganistão por parte dos Talebanos e do assassinato a Londres do soldado Lee Rigby, membro do Real Regimento dos Fuzileiros, por jovens de origem nigeriana em nome de *Allah*, Marco Aime vai avaliar, no primeiro evento, como o patrimônio artístico se transformou em algo de maior valor do que os seres humanos que os criaram, ou seja, como somos capazes de defender o budismo sem pensar aos budistas. Já, no segundo evento, a análise será dos novos fluxos da aceleração temporal da informação e compartilhamento informativo em função das novas tecnologias na produção de imagens, linguagens e valores em contínua evolução e transformação que superam os confins entre nações descontextualizando, em certo modo, os eventos e não mais podendo dar um significado comum a todos a um determinado evento. Por fim, no último capítulo “Três diamantes”, Aime faz uma reflexão sobre a bolsa de valores em sua maior expressão simbólica de *Wall Street* associando-a, em modo muito irônico, a um provérbio africano que afirma que se um homem encontra um diamante é certamente um homem de sorte, se encontra dois diamantes é de muita sorte mas se encontra três diamantes, é um feiticeiro. Ou seja, nos dois casos parece-nos que o incontrolável é o que caracteriza a relação do jogo.

Acreditamos que a presente obra, apesar de tratar de exemplos da sociedade italiana contemporânea, possa ser uma ótima referência e contribuição à reflexão de questões antropológicas etnográficas mais amplas baseadas no cotidiano através questões sociais prementes que se fundamentam na ideia da construção cultural. Pois em Etnografia do cotidiano temos a agudeza de uma boa antropologia não etnocêntrica, raridade na Europa, que estuda o “exótico” através o estudo da própria sociedade na qual se vive com o objetivo se ser uma antropologia de análise política, como Jean-Loup Amselle vai afirmar na introdução desta obra: “[...] A boa antropologia nos ensina que o exótico é particularmente vizinho, e grande mérito do livro de Aime é ter confirmado isto ainda outra vez.”¹⁰. (AIME, 2014, p. 10).

7

“Responsabilità illimitata”. Tr. A.

8

“Nuovi tribalismi”. Tr. A.

9

Buddha, manoscritti e cormorani”, “Il machete e lo smartphone” e “Tre diamanti”. Tr. A.

10

“[...] La buona antropologia ci insegna che l'esotico è singolarmente vicino, e il grande merito del libro di Aime è di avercelo confermato ancora una volta.”. Tr. A.

Sobre o artigo

Recebido: 09/01/2016

Aceito: 30/05/2017

Referências bibliográficas

AIME, M. **Eccessi di culture**. 1º Ed. Torino: Einaudi, 2004.

AIME, M. **Cultura**. 1º Ed. Torino: Bollati Borghiere, 2013.

AIME, M. **Etnografia del quotidiano. Uno sguardo antropologico sull'Italia che cambia**. 1º Ed. Milano: Elèuthera, 2014.